

EDITORIAL

A sociedade está às voltas com discussões em diversos campos sociais que questionam o status quo de diversas visões e perspectivas do já estabelecido pela literatura acadêmica e pelos fatos sociais, mas que em função da profusão de “outros” pontos de vista sobre os mesmos, levam a outras conclusões.

Esse fenômeno de desdizer o que já foi dito, comprovado e referendado tem contornos dos próprios avanços da ciência nos últimos anos, como também na revisão de procedimentos e técnicas para chegar a tal resultado, levando a uma outra conclusão. A ciência faz isso e busca isso, na possibilidade de refutarmos a verdade absoluta. Precisamos, filosoficamente falando, de uma dialética, para rever os fatos e ressignificá-los.

Outrossim, em tempos de hoje, na nossa vida cotidiana, temos uma sociedade hiperconectada. O acesso às informações, a produção de dados e a disseminação são constantes, por qualquer pessoa que tenha acesso às tecnologias da comunicação e informação. Esse acesso e possibilidade de produção e compartilhamento nos tem levado para o dilema das *fake news*, relacionando-se com a pós-verdade. Esse termo (pós-verdade) foi usado pela primeira vez em 1992 (artigo do dramaturgo Steve Tesich, na revista “The Nation”). O termo ganhou destaque em 2016, quando a *Oxford Dictionaries* (Universidade Oxford, responsável pela publicação de dicionários) elegeu “pós-verdade” como a palavra do ano da língua inglesa.

Nesse ínterim, o jornalista britânico Matthew D’Ancona (colunista do “The Guardian”) lança o primeiro livro inteiro dedicado ao tema: “Pós-verdade – A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news” (Faro Editorial, 2018). O autor relata no livro casos emblemáticos das disputas como o Brexit (Inglaterra) e a vitória de Donald Trump na última eleição americana, propondo o debate sobre a pós-verdade. Um dos pontos levantados é que o termo descreve o processo pelo qual as emoções e convicções pessoais passam a ter mais importância que os fatos objetivos, sobretudo nas escolhas políticas, identificado no Brasil, dominado há anos por uma polarização na qual os fatos pouco importam, atropelados que são pelas narrativas dos campos em disputa.

Em 2018, tivemos claramente esse viver no Brasil, onde se disseminou uma narrativa vinculada a grupos sociais, pouco importando os tais fatos, sejam eles científicos ou sociais. “A narrativa que me convém é a que é verdadeira”. Podemos estar entrando em uma nova “Idade das Trevas” em plena sociedade da comunicação e informação, por não saber tratar os fatos, apenas narrativas construídas a partir de dogmas. A ciência tem muito a revelar, não joguemos a oportunidade de avanços fora pelo cerceamento de ao menos buscarmos a “verdade”.

Viva a ciência!

Boa Leitura!!

Prof. Dr. Gustavo Roese Sanfelice

Editor-chefe